



Obra Aberta de Umberto Eco no Campo dos Estudos Culturais¹

Emanuella Leite Rodrigues²

Fernanda Oliveira Santos³

Marcelo Pires de Oliveira⁴

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

O artigo analisa as teorias do livro *Obra Aberta*, de Umberto Eco, no terreno ideológico dos Estudos Culturais. Pretende-se apontar tendências majoritárias que identificam *Obra Aberta* no movimento dos Estudos Culturais, e vice-versa. Primeiramente, dá-se a abordagem das origens e tendência das correntes de estudo mencionadas, para então serem esmiuçados os pontos de encontro entre a obra aberta descrita por Eco e o campo dos Estudos Culturais, detectados no fato de serem ambos os fenômenos: respostas ao momento cultural vivido; suscitadores das discussões acerca do âmbito popular, visto como espaço de resistência; mensageiros da crise na hierarquia cultural; contestadores das críticas que apontam negativamente o processo de massificação.

PALAVRAS-CHAVE: Obra aberta; Umberto Eco; Estudos Culturais.

1. INTRODUÇÃO

Por algum tempo, às discussões das teorias da comunicação, acerca da cultura difundida pelos meios de comunicação de massa, alijavam as contribuições que o público inseria na interpretação de uma mensagem ou produto, enxergando o processo cultural como uma via de mão única: a do emissor. A evolução das teorias do campo comunicacional demonstra claramente um percurso em que o papel e a contribuição interpretativa do público são apreendidos aos poucos.

A teoria hipodérmica, que coincide com o período das duas guerras mundiais, e, ainda, marcada pela influência de líderes propagandistas no poder de convencer a população, levantou o fato de que o público é diretamente atingido pela mensagem.

¹ Trabalho apresentado na Sessão Teorias da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do 7º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV. Bolsista da Iniciação Científica, Fapesb. E-mail: emanurodrigues@hotmail.com.

³ Graduanda do 7º semestre de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV. E-mail: nandapop_17@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas e professor da Universidade Estadual de Santa Cruz.



Nessa vertente, a mensagem chegava ao receptor na exata forma e intenção pretendida por seu formulador. No ano de 1948, o modelo de Lasswell superou a teoria hipodérmica e propõe o estudo do caminho percorrido pela mensagem, do emissor, do conteúdo da informação, dos meios técnicos aplicados e da audiência, para investigar de que forma a mensagem chega ao seu destino. Ainda assim, o processo comunicativo era entendido como uma relação mecanicista de estímulo-resposta, no qual as informações transmitidas alcançavam a dimensão pretendida pelos meios de comunicação.

A partir dos anos 1940, a teoria empírico-experimental ou da persuasão rompeu com o esquema imediato do estímulo-resposta e pela primeira vez pesquisou sobre a complexidade de fatores que entram em jogo na relação emissor-mensagem-destinatário, destacando, especialmente, que os efeitos das informações na audiência variam de indivíduo para indivíduo. A idéia do público receptor se desvinculou de uma massa, homogênea e idêntica. Depois disso, a teoria dos efeitos limitados trouxe a investigação da sociologia para o processo da comunicação, focalizando o papel determinante dos líderes de opinião na tradução e transmissão de uma mensagem para um receptor. O que evidencia que as informações veiculadas pelos *mass media* são resignificadas pelos líderes de opinião – que são aqueles dotados de respeito, influência e poder de liderança perante uma comunidade.

Após uma seqüência de hipóteses, que pelo avanço do tempo e das organizações sociais tornaram-se obsoletas e inaplicáveis à realidade, o campo da comunicação mergulhou na investigação das relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, seus contornos, instituições e práticas culturais, a as relações com a sociedade e as muitas transformações sociais. Esta maneira de investigar os fenômenos da comunicação foi batizada de Estudos Culturais, movimento do campo da comunicação, surgido entre a década de 1960 e 1970, que teve como causa geradora as alterações dos valores tradicionais da classe trabalhadora na Inglaterra do pós-guerra. Em um cenário similar, o pensamento de Umberto Eco, que compõe uma nova geração de intelectuais da Itália e que emergiu a partir de 1945 com a queda do facismo, caminhou num eixo de investigação muito próximo daquele que marcou os Estudos Culturais, ao repropor os conceitos de comunicação, informação, abertura e alienação, dentro de uma sociedade – a italiana – também marcada pela mudança de seus ideais.

Desta maneira, podemos propor uma investigação dos estudos da obra aberta de Umberto Eco dentro dos parâmetros dos Estudos Culturais, assim como a relação inversa, uma vez que são ambos fenômenos e estudos complementares. Este artigo



pretende apontar traços predominantes que aproximam ambos os fenômenos, percorrendo origens, tendências e traços ideológicos de convergência entre eles. Revelando-se que a nova forma de ver a relação locutor-interlocutor dos Estudos Culturais está intimamente ligada a nova forma que Eco enxerga a relação artista-intérprete, ao proporem trocas mútuas de cultura.

2. A OBRA ABERTA DE UMBERTO ECO E OS ESTUDOS CULTURAIIS: ORIGENS E TENDÊNCIAS

O regime facista de Benito Mussolini na Itália, entre 1919 e 1943, teve como características principais o cerceamento da liberdade civil e política, o unipartidarismo e a derrota dos movimentos de esquerda. Assim, este país não teve, por um longo período, nenhum aspecto de confronto de idéias que pudesse avivar as discussões intelectuais acerca de diversos emblemas. A população italiana foi bloqueada do desenvolvimento de uma cultura original e libertária, que fizesse frente ao governo; “O fascismo conseguiu esterilizar, por absorção, o que mais de vital se produzia [...]” (ECO, 2005, p.8).

Desde a queda do sistema fascista, no ano de 1945, uma nova geração de estudiosos e intelectuais tem emergido na Itália; estes reatam, finalmente, um debate de abrangência européia e internacional, que tem se libertado do engessamento de suas produções culturais e contribuições investigativas. Umberto Eco é um desses intelectuais da nova geração e seu pensamento “caracteriza bastante bem o momento de desprovincianização da cultura italiana” (ECO, 2005, p.7), o qual tem estruturado a expressão de um interlocutor mais autônomo – que retoma um discurso cultural próprio, com maior capacidade formulativa e melhor ressonância.

Os estudos de Umberto Eco são representados por uma re-apropriação audaz de temáticas e contextos praticamente ofuscados. Temas que são retomados sob um ponto de vista crítico e investigativo, partindo de uma leitura nova que aponta para outros caminhos. É nesse viés que a publicação “Obra Aberta” propõe uma revisão dos conceitos, práticas e hipóteses da comunicação, da cultura e da apatia dos sujeitos. O conceito de obra aberta circula ao redor do fato de que o interlocutor pode guiar e manobrar uma obra, uma vez que ele é um sujeito ativo que desenvolve suas ações.

O Livro “Obra Aberta” de Umberto Eco foi escrito na efervescência dos movimentos universitários na Europa e enquanto a pop-art começava sua gestação nos



Estados Unidos. Os jovens questionavam a cultura catedrática em prol de uma contestação e da sua afirmação enquanto produtores de novos valores culturais. O que surgiu foi uma proposta cultural de plasticidade intelectual e novos processos produtivos. Em suma, pode-se frizar que Eco propõe o estudo daquilo que chamou de obra aberta quando as estruturas sociais, políticas e econômicas da Itália se alteram, no pós-guerra, e refletem diretamente na mudança do pensamento dos sujeitos. E este fenômeno de alteração das estruturas mencionadas, aparece também na Inglaterra, incidindo na formação de outro campo de pesquisa, com tendências similares os conceitos da obra aberta na Itália, que serão apontadas à frente: os Estudos Culturais.

Sabe-se que os Estudos Culturais surgiram “de forma organizada, através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), diante da alteração da classe operária da Inglaterra do pós-guerra” (ESCOSTEGUY, 2001, p.152). Este centro de estudos se estabeleceu como um campo acadêmico de pesquisa sobre a comunicação e a cultura, no centro das relações que estas duas mantêm com as muitas mudanças sociais, que assolaram a Inglaterra após as duas guerras mundiais e provocaram alterações nos valores da classe proletária. Nesta linha, os Estudos Culturais buscam, inicialmente, uma orientação marxista para estudar a comunicação e a cultura dentro da classe operária.

Os Estudos Culturais foram criados pelos pesquisadores Richard Hoggart, Raymond Williams, E. P. Thompson, a partir de três publicações que surgiram no final dos anos 50 e são vistas com as primeiras fontes do campo dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The uses of Literacy* (1957) propõe tanto uma autobiografia quanto aborda a cultura do meio do século XX; Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) traça o histórico do conceito de cultura, revelando a idéia de que a cultura ordinária está em condições de igualdade com o mundo das artes, literatura e música; E.P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963) reconstrói um pedaço da sociedade inglesa apontando para a história dos indivíduos das camadas desfavorecidas.

A relevância da contribuição dos pesquisadores mencionados acima é indiscutível, mas os Estudos Culturais de fato ganham consolidação a partir dos trabalhos de Stuart Hall⁵, que foi diretor do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS) e da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, entre 1969 e

⁵O interesse de Stuart Hall em ser um dos fundadores dos Estudos Culturais está ligado ao seu desejo de reagir contra a diáspora e sua condição de imigrante (oprimido), temas marcantes na sua vida de jamaicano radicado na Inglaterra.



1979. Nessa época, os estudos de Hall, juntamente aos do CCCS, giravam ao redor das práticas da mídia, atentando para o terreno das estruturas sociais e o panorama histórico como fatores essenciais para a compreensão da ação desses meios. Assim, o estudo dos efeitos da mídia sobre os receptores, com os Estudos Culturais, mergulha na existência de múltiplas culturas – que diluem a supremacia da cultura de tradição elitista e brotam das vivências cotidianas de grupos diferencialmente estruturados no âmbito sócio-econômico.

Nesta linha de pensamento, a cultura passa a ser vista como um processo que envolve disputas e conflitos, entrelaçada à produção e ao intercâmbio de idéias que nascem dos confrontos entre grupos distintos, existentes a partir das relações de poder de uma dada organização social. O confronto cultural vai ocorrer dentro da complexidade das relações comunicacionais, antes entendidas como a supremacia discursiva dos donos do poder, fazendo com que o processo de recepção seja também compreendido como um processo social complexo que implica em atividade contínua de apropriações, usos e reelaborações de conteúdos por parte de indivíduos, estruturados em grupos sociais particulares.

Dessa forma, recentemente os Estudos Culturais tem se apropriado das análises desenvolvidas por Michel Foucault⁶ e Jacques Derrida⁷, que trazem algumas investigações peculiares que não negam as proposições levantadas nos estudos da obra aberta e ajudam a complementar estes. Foucault analisa o papel determinante do poder, das mutiplicidades e das lutas no terreno do processo da recepção de uma informação, enquanto que Derrida trabalha com o método da “desconstrução”, que consiste em desfazer o texto, a mensagem, a partir do modo como esta foi organizada originalmente para que, assim, sejam revelados seus significados ocultos, que também entrarão no processo de recepção.

3. O ENCONTRO ENTRE OS ESTUDOS DE ECO E O MOVIMENTO DOS ESTUDOS CULTURAIS

Algumas proposições que fazem parte dos estudos de Umberto Eco encontram-se com determinadas especulações dos Estudos Culturais. O que parecem linhas de

⁶Michel Foucault foi um filósofo francês. Seus estudos e publicações se situam dentro de uma filosofia do pensamento; suas obras “Vigiar e Punir” e “A História da Sexualidade” ganharam considerável repercussão.

⁷Jacques Derrida foi um importante filósofo francês; criador do método filosófico chamado desconstrução. Tendo sido Sigmund Freud um dos seus principais influenciadores.



estudos divergentes, de locais com vivências e realidades peculiares, na verdade apontam para a mesma direção: pontos de encontro, a serem destacados a seguir, que mostram uma forma inédita e similar de enxergar a cultura nas relações artísticas e comunicativas.

3.1 RESPOSTAS AO MOMENTO CULTURAL VIGENTE

As linhas de pesquisa de determinados campos de estudos e de alguns teóricos funcionam, quase sempre, como reações e respostas ao momento cultural vigente, nos espaços focos de análise. Dessa forma, tanto as investigações da obra aberta de Eco quanto as proposições dos Estudos Culturais dão primazia à tentativa de entender a nova Itália (do pós-facismo) e a nova Inglaterra (do pós-guerra), respectivamente. Ao tentar compreender as novas realidades do países citados, é possível capturar as relações entre a cultura e a sociedade:

[...] através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de idéias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais. É uma perspectiva que enfatiza a “atividade humana”, a produção ativa da cultura, ao invés de consumo passivo. (STOREY, apud ESCOSTEGUY, Ana Carolina, 2001, p.155).

Seguindo esta linha de pensamento, é pertinente ressaltar que ao buscar investigar as novas vivências de uma sociedade no campo cultural, deflagram-se novas relações que estremecem as velhas ordens e fazem explodir o novo homem da cultura, o homem ativo, sujeito dos fazeres culturais. As descobertas da obra aberta de Umberto Eco e dos Estudos Culturais jamais teriam o mesmo sentido se ignorassem as mudanças que sacudiram a Itália e a Inglaterra. O encaminhamento de suas pesquisas deu-se exatamente no ponteiro das transformações sociais, políticas e econômicas, forças que se somariam em favor das alterações culturais, dentro das sociedades observadas.

Umberto Eco, ao estudar e escrever suas discussões intelectuais no livro intitulado “Obra Aberta”, explana sobre a nova realidade da cultura italiana – no auge da sua desprovincianização facista. O intelectual reúne uma coletânea de ensaios a respeito dos conceitos do termo obra aberta⁸, que giram em torno da indeterminação das

⁸O termo obra aberta, de Umberto Eco, inspirou outros estudos, entre eles aqueles desenvolvidos pelo Movimento Concreto de São Paulo, no artigo intitulado “A Obra de Arte Aberta”, de Haroldo de Campos, publicado em 1955.



poéticas contemporâneas, na literatura, nas artes plásticas, no teatro e na música. A primeira edição do livro é datada de 1962, e não por acaso, é uma época em que a arte européia, especialmente a italiana, assistia à disseminação de obras de arte indeterminadas com relação à forma, chamando o intérprete para participar ativamente na construção final do objeto artístico.

O momento cultural vigente e emergente na Itália era da “retomada de um discurso cultural interrompido por mais de vinte anos de ditadura” (ECO, 2005, p.7). O discurso referido pretendia dialogar com a antiga relação entre o artista e o intérprete, no sentido de fazer sucumbir as antigas concepções de que uma obra de arte era perfeita e acabada como um diamante, irretocável e que, por isso, o intérprete recebia a obra da maneira pretendida e finalizada por seu elaborador. Na verdade, a obra de arte passava a ser vista como uma obra fluida, indefinida, e, portanto, aberta às novas interpretações.

Também a formação dos Estudos Culturais na Inglaterra, ressaltando que este é o país de origem dominante desses estudos⁹, tem sua origem na realidade e no momento cultural que se exibia para a sociedade britânica do pós-guerra, onde a classe operária sofria nítida transformação em seus pensamentos e condutas. Esta já não era uma parcela apática e alienada da sociedade, que baseava a sua formação cultural na tradição elitista, mas que na verdade buscava suas próprias identidades. “As velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social” (HALL, 1999, p.7) se deslocaram para o surgimento de novas identidades.

Ao conhecer o instante cultural que fazia emergir na sociedade inglesa novas identidades, em pleno século XX, é necessário contextualizar um novo tipo de sujeito, descrito por Hall, o sujeito pós-moderno. Este é o indivíduo sem identidade engessada, essencial ou imutável, que na verdade vive e respira processos de identificação flutuantes, criados e recriados, continuamente, em relação às maneiras pelas quais todos se vêem interrelacionados nos regimes culturais que os circundam.

Nesse contexto, a Inglaterra, por intermédio das investigações dos Estudos Culturais, evidencia um choque na forma tradicional de pensar as relações comunicacionais, quando os interlocutores, que em maioria abarcavam a classe operária, contribuíam, reformulavam, faziam usos diferenciados das mensagens e da cultura. Os textos que inspiraram os Estudos Culturais exploram estas alterações das

⁹Os relatos que existem sobre as origens dos Estudos Culturais são dominantes na Inglaterra. Mas em determinadas localidades e em outros momentos são identificadas outras origens para os Estudos Culturais. Ver Escosteguy (2001).



estruturas sociais, no campo de transmissão cultural por via da comunicação, e estes são reações diretas dos tempos vividos na Inglaterra.

[...] quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões (ESCOSTEGUY, 2001, p.154).

Enfim, é possível dizer que os Estudos Culturais assim como as pesquisas de Umberto Eco sobre a obra aberta, se constituem como fenômenos que extraíam seus estudos e proposições a partir da realidade social, da prática histórica, das transformações culturais e comunicativas, vigentes na Itália, Inglaterra e, mais abrangentemente, na Europa.

3.2 O POPULAR COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

O caminho evolutivo das teorias da comunicação apontam, claramente, para o despertar de uma ótica analítica que absorve o terreno popular, que constituía boa parte dos interlocutores, como um espaço de contestação e afirmação ideológica. A pesquisa realizada por Richard Hoggart, um dos influenciadores dos Estudos Culturais focaliza os objetos culturais discriminados da cultura do povo e “inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência”(ESCOSTEGUY, 2001, p.153).

É nesta premissa que se torna válido memorar que os Estudos Culturais não surgiram de maneira isolada, mas sim se desenvolveram dialogando com determinadas referências da época, estas representantes típicas das formas de resistência de algumas parcelas da população. Assim, os Estudos Culturais se relacionaram, estritamente, com movimentos como as políticas de cultura, o feminismo, os estudos multiculturais e os estudos pós-coloniais. O fenômeno ou fenômenos que fizeram explodir as vozes dos indivíduos marginalizados da cultura, e que passaram a solicitar políticas públicas de inserção e o reconhecimento de seu papel enquanto sujeitos culturais, começa pelos muito movimentos de afirmação e reivindicação. Entre eles podemos citar os movimentos femininos que se rebelavam contra a opressão da cultura machista e de seu papel submisso na sociedade; das lutas pelo reconhecimento e valorização das minorias



étnicas advindas dos movimentos migratórios que buscavam por um espaço justo no meio social no qual estavam inseridos.

O que os Estudos Culturais fazem é rediscutir as concepções de cultura, apreendendo as classes negligenciadas no decorrer do tempo e que são constituintes primordiais da história, passando a pensar na cultura popular enquanto um espaço de resistência e de convivência das pluralidades. Ainda, estes estudos atentam para que a cultura no âmbito popular seja vista como fonte de (re) produção e consumo ativo de significados e significações, considerando indistintamente “a dimensão simbólica presente em todas as práticas de todos os homens” (CANCLINI, 1991, p.45).

Pode-se dizer que uma gama de teóricos dos Estudos Culturais adentrou nos países centrais, como a Inglaterra, e instalaram o declínio da concepção do espaço popular subordinado e ofuscado. Ao escolherem exatamente estudar as alterações que perfilavam nos pensamentos da classe operária, perceberam que brotavam justo desta classe o princípio da consciência, da busca por políticas públicas de inserção em termos de trabalho, educação, cultura e saúde, sendo esta a parcela mais desprivilegiada da sociedade. Reproduziram-se organizações e sindicatos de trabalhadores operários, que, cada vez mais, pressionavam as classes dominantes e opressoras.

No momento em que os Estudos Culturais prestam atenção a formas de expressão culturais não-tradicionais se descentra a legitimidade cultural. Em consequência a cultura popular alcança legitimidade, transformando-se num lugar de atividade crítica e de intervenção (ESCOSTEGUY, 2001, p.157).

Enfatizar e valorizar as expressões de culturas populares, não-tradicionais, que buscam resistir e se tornarem legítimas, como fez os Estudos Culturais, é prioridade. E esta também urge na proposta dos estudos desenvolvidos por Umberto Eco, na acepção do termo obra aberta. O intelectual italiano acredita numa obra aberta, que intenta pela inserção e cria a possibilidade das contribuições do povo, enquanto interlocutor, na interpretação de uma obra de arte, quando “não reproduz uma suposta estrutura objetiva das obras, mas a estrutura de uma relação frutiva” (ECO, 2005, p. 29) e “se afasta do aparente rigor objetivista de certo estruturalismo ortodoxo” (ECO, 2005, p. 29).

Nos estudos de Umberto Eco, há uma relação de diálogo entre as motivações da obra aberta e as teorias da relatividade e da física quântica, quando estas geram uma descentralização, ou seja, uma ampliação das direções imagináveis, da compreensão da realidade. Assim, as obras clássicas, anteriores às obras abertas, não podem ignorar a pluralidade de sentidos do mundo, nem mesmo aniquilar o aspecto multifacetado da



cultura, desde de que a parcela popular da sociedade italiana reagiu à tradição elitista do facismo. Tornando-se obsoletas as obras tradicionais, os artistas da obra aberta mergulharam na busca de uma nova linguagem artística, capaz de promover no intérprete a noção de pluralidade e suas vastas interpretações.

Ainda, tentando elucidar como funciona a obra aberta de Eco, deve-se ressaltar que a abertura de uma obra é resultado da combinação de signos que compõem a estrutura desta, chamando pelos mais distintos sentidos, que levam o intérprete a mergulhar num universo de interpretações. O artista convida o público, não de maneira indiscriminada e amorfa, mas orientando-o a partir de sua linguagem, para penetrar e participar da obra. Dessa forma, o público dilui no olhar sobre o objeto artístico suas percepções de mundo, vivências cotidianas e referências intelectuais ou factuais; legitimando os traços da sua resistência, vista na contribuição cultural que o leva a reinterpretar uma obra.

3.3 A CRISE NA HIERARQUIA CULTURAL

Quando a obra aberta, focalizada por Eco, enaltece o intérprete enquanto sujeito dotado de capacidade e complementariedade interpretativa, assim como fez os Estudos Culturais nos pensamentos que apontam para os interlocutores como agentes ativos, fazem-se ambos os fenômenos teóricos mensageiros da crise na hierarquia cultural. Nessa vertente, o confronto entre a tradição da cultura elitista (vista como superior-predominante) e a cultura popular (vista como inferior-subordinada) passa a sucumbir no momento em que estas culturas convivem, simultaneamente, no mesmo espaço, a partir das trocas e dos imbricamentos ideológicos, atuantes nas interpretações de mensagens e de materiais culturais.

O enfoque da dimensão cultural dos estudos da obra aberta, assim como dos Estudos Culturais, se relacionam na representação do panorama cultural contemporâneo. Este levanta a consideração de que:

Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva [...]. (ESCOSTEGUY, 2001, p.156)

Na linha de reflexão do pensamento mencionado, os estudos da obra aberta passam a perceber a cultura moderna da Itália quando a hierarquia e passividade vêm a

pique e interessa “não a obra-definição, mas o mundo de relações que esta se origina; não a obra-resultado, mas o processo que preside sua formação; não a obra-evento mas as características do campo de propabilidades que a compreende” (ECO, 2005, p.10). Portanto, Umberto Eco lançou nos conceitos da obra aberta a intenção de promover e discutir obras de arte que permeiam relações de fruição, liberdade, abertura interpretativa e contribuições diferenciadas dos sujeitos sociais, nas quais todos têm a possibilidade de complementar uma obra e realizar sua reflexão interpretativa. Tendo sido esta promoção e discussão gerada pela emergência de produções culturais com características e linguagens de obras abertas, que provinham da nova geração italiana, rejuvenescida nos pensamentos acerca da multiplicidade e não-hierarquia cultural.

Adentrando também no rompimento com a elite cultural, instaurado pelos Estudos Culturais, percebe-se como este se deu a partir de um fenômeno que invadiu a Inglaterra: a chegada do “outro”. Especialmente Londres viu em suas cenas cotidianas o número de imigrantes asiáticos e africanos crescer, entre os anos cinquenta e noventa. Eram estes imigrantes, em maioria, que engrossavam a classe proletária da Inglaterra e que impunham a presença do outro. Dessa forma, “o outro, o (ex) colonizado adentra a casa do metropolitano e lhe diz que ele, o metropolitano, também é outro” (MOURA, 2004, p.78). Isto empurrou os indivíduos opressores, que estavam no gozo do poder e que se deleitavam sobre o biombo da supremacia cultural, ao pensamento que ele também “é o outro daquele outro, o colonizado” (MOURA, 2004, p. 79) e, portanto, teria que enxergar o levante de culturas independentes e não-subordinadas.

Na tentativa de destrinchar um pouco mais a presença do outro (colonizado), que se manifesta e propõe resistência à cultura elitista, é viável recorrer aos conceitos de Émile Durkheim (1995) de solidariedade orgânica¹⁰. Este conceito diz que a sociedade tanto convive quanto se desenvolve a partir das diferenças internas. Assim, a expressão de novas culturas na sociedade britânica se organizou no viés do confronto com as instâncias de dominação. Este movimento dialético, antes de gerar um embate que teria como fim a supremacia de um modelo cultural sobre o outro acabou em um outro processo, a difusão cultural (LARAIA, 2005), no qual as duas culturas realizaram trocas simbólicas e evoluíram em direção a um novo modelo cultural, híbrido e multifacetado (CANCLINI, 1998).

¹⁰Solidariedade orgânica surgiu da contraposição com o conceito de solidariedade mecânica, também de Durkheim, este último foi utilizado para caracterizar os momentos históricos em que as sociedades viviam sob a égide da transmissão de tradições, minimizando ao máximo as diferenças de uma geração para a outra.

3.4 O PROCESSO DE MASSIFICAÇÃO

As pesquisas feitas na obra aberta de Umberto Eco e aquelas que dizem respeito aos Estudos Culturais se imbricam ao tratar de maneira similar as discussões sobre o processo de massificação da cultura. Ambos os estudos partem de uma perspectiva marxista para investigar os processos culturais. Dessa forma, tanto a consideração de que “a perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua ‘autonomia relativa’, isto é, ela não depende das relações econômicas, nem seu reflexo, mas sofre conseqüências das relações político-econômicas” (ESCOSTEGUY, 2001, p.156) como a premissa de que “dentre as lições do marxismo, uma das mais fecundas é o apelo e a relação entre a base e superestrutura, entendida obviamente como relação dialética e não como relação determinista de sentido único” (ECO, 2005, p.34) são pontos de partidas para entendermos o processo da massificação cultural.

Fundamentados com as citações apresentadas no parágrafo anterior, é possível dizer que ambas as teorias se encontram na busca de uma mesma proposição, que funciona como pano de fundo para compreender o surgimento do fenômeno da cultura de massa. A relação entre a cultura e a sociedade mantém um diálogo íntimo com as relações político-econômicas e com a base-superestrutura, não sendo determinadas completamente por estas, mas sofrendo claramente suas influências. É nesse sentido que se estruturavam as relações entre a cultura massiva e a sociedade na Inglaterra, durante as duas guerras mundiais, e na Itália, durante o fascismo. Ambos países eram compilados pelas influências do estado, da ideologia de guerra e fascista, que para manter o controle e unificar a sociedade buscavam sufocar as diferenças, estimular o consumo das mesmas idéias e produtos, criando uma sociedade de massa marcada por uma suposta homogeneidade.

Nestes contextos, que serviram de impulso para as origens das pesquisas da obra aberta e dos Estudos Culturais, percebe-se também como o fenômeno da massificação cultural na Inglaterra e na Itália estava ligado ao fato destes países ainda viverem sob o peso das tradições e da cultura ortodoxa. As sociedades inglesa e italiana viviam subordinadas aos mesmos gostos e os mesmos padrões de consumo e isso se consolidava com a reprodutibilidade técnica que avançava nessas sociedades, que já eram industriais. É nesta linha que, “generalizando, podemos dizer que a técnica da

reprodução destaca o domínio da tradição do objeto reproduzido” (BENJAMIN, 2004, p.168), por exemplo, quando se observava durante o regime fascista na Itália a disseminação de livros que falavam sobre técnicas de retórica e persuasão, que interessava a tradição dos regimes ditatoriais.

Para alterar o quadro citado acima, os discursos da obra aberta e dos Estudos Culturais faziam frente justamente à massificação, à tradição, à cultura fechada, que se proliferavam nas cidades européias. Com o fim das guerras e do regime fascista, a Itália e a Inglaterra viram-se livres para cultivar e retomar a pluralidade cultural, os espaços de resistência ideológica, o discurso de culturas autônomas e autênticas. Obra Aberta e os Estudos Culturais propunham o fim da serventia e erguiam o princípio da explosão libertária do pensamento e das expressões.

Em vez da existência da realidade dominante em que “um operário consegue discernir entre alguns nomes de pintores famosos, como Picasso, mas sem compreendê-los realmente na natureza de suas obras” (ORTIZ, 1994, p.187), os estudos da obra aberta junto aos Estudos Culturais sugeriram uma nova realidade, na qual o operário adentra na interpretação e faz uma releitura das obras deixando as marcas do seu olhar e da sua cultura, de maneira pessoal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer as origens, influências e ideologias que transitam na atmosfera das pesquisas da obra aberta de Umberto Eco e dos Estudos Culturais, foi possível estabelecer entre eles uma relação na qual as suas conjecturas dialogam, se aproximam e caminham pela mesma proposta, que é instalar uma nova ótica nas relações artista-intérprete e locutor-interlocutor, as quais se estruturam no ambiente de trocas, recriações e contribuições simultâneas. O que deixa evidente que as duas teorias apontam para uma imbricação cultural entre sujeitos distintos que, independentes da posição e estrutura sócio-econômica a que pertencem, são capazes de propor novas interpretações dando fim à hierarquia cultural reproduzida por longo tempo.

No momento em que a casta cultural da tradição elitista entra em crise, a cultura passa a ser apreendida a partir da sua pluralidade, e assim a parcela ofuscada da população ganha brilho, voz e afirmação: o povo, o público, a juventude, o operário. Foi neste cenário que nasceram os Estudos Culturais, com origens majoritárias na Inglaterra, e as pesquisas acerca da obra aberta, descrita por Umberto Eco na Itália. E



ambos os fenômenos são imprescindíveis na investigação do verdadeiro sentido da cultura a partir das oscilações das estruturas sociais, das alterações históricas e das relações de dominação, enfim, da “sua conseqüente relação com o resto da natureza” (MCLELLAN, 1973, p. 160).

Compete-nos remeter estas duas teorias como a base da construção de uma nova forma de pensar o mundo cultural e suas múltiplas relações nos mais diferentes ambientes, sendo desta maneira precursoras e fomentadoras de novas interpretações sobre a arte e a cultura, em especial com os autores e pesquisadores latino-americanos que com este aporte puderam avançar no conhecimento e na aceitação da multiplicidade cultural das sociedades latino-americanas culminando na obra de Nestor Garcia Canclini, *Culturas Híbridas*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de Arte na era da reprodutibilidade técnica**. In: W. BENJAMIN, *Obras Escolhidas 1: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 165-177.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

ECO, Umberto. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga (org). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 151-170.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 7- 46.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 18 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MCLELLAN, David. **Karl Marx: Vida e Pensamento**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

MOURA, Milton. **Identidades**. In: Antônio Albino Canelas Rubim (org). *Cultura e Atualidade*. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 77-91.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 181- 215.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 6ed. Lisboa: Presença, 2001, p.22- 46.